

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 717



## UM GAROTO ESPERTO

LENDA MONTENEGRINA  
Por MARIA ARCHER

**A**NDOU no mar, todo o dia e toda a noite, sem que as rêdes lhe apanhassem um único peixe. Algas, conchas, e uma caixa de madeira, fechada, levíssima, tinham vindo nas rêdes do pescador. Ele del-

tou fôra as conchas e as algas e entrou em casa com a caixa de madeira de baixo do braço.

Quis ver o que havia lá dentro. Se encontrasse uma moeda de ouro? Isso seria muita sorte...

Abriu a caixa e logo, pela abertura, saiu um rolo de fumo negro. O fumo começou a condensar-se numa forma quasi humana. Depois, surgiram dois chifres no alto da cabeça do homem, desenhado pelo fumo.

O pescador compreendeu que tinha o diabo diante de si.

—«Ai! (disse êle com os seus bo-

tões.) — como hei-de ver-me livre do diabo?!»

O fumo cada vez se condensava mais. Com o pêso baixou ao chão. A figura tomou vulto e uma voz terrível, metálica, diabólica, soou aos ouvidos do pescador apavorado:

—«Obrigado, pescador. Pede-me o que quiseres. Devo-te um grande favor... Eu sou o Diabo, posso tudo no mundo. Dize o que queres... Em troca, só te peço a alma... Serás rei, se quiseres ser rei...»

O pescador batia os dentes como castanholas. Mal pôde murmurar:

—«Senhor Diabo, eu sou um bom cristão... Não me faça mal... Ah! Eu morro...»

Num canto do quarto dormia o filho do pescador. O som da voz do Diabo acordou-o. Teve um grande susto quando viu a figura tormentosa de Satanaz. Tapou a cabeça com a roupa. Mas, ao compreender que o pai ainda estava mais assustado do que êle, o pequeno fez das fraquezas forças.

Saltou fôra da cama e cumprimentou o diabo:

—«Boas noites, meu senhor.»

(Continua na página 2)



(Continuação de 1.ª página)

Satanaz perguntou-lhe:

— «Quem és tu?»

— «Sou o filho do pescador. Acordei com a conversa. E como não o conheço, posso perguntar-lhe o nome, meu senhor?»

— «Sou o Diabo?»

— «Ah! — (pasmou o pequeno.) — E... como entrou cá em casa?»

— «Vim dentro duma caixa cheia de fumo, que o teu pai pescou no fundo do mar.»

O garoto, com a sua ideia fígada, começou a rir-se.

— «Olhem que péta!»

— «Malcriado! — (bradou Satanaz com voz terrível.) — Ousas dizer que minto?! Pois vou-te provar que digo a verdade.

Mas, se eu te provar que digo a verdade, arranco-te a alma!»

— «Aceito a aposta» — (declarou o garoto, com o coração em saltos tão grandes que lhe estalavam o peito.)

O diabo começou a desfazer-se em fumo e a entrar na caixa.

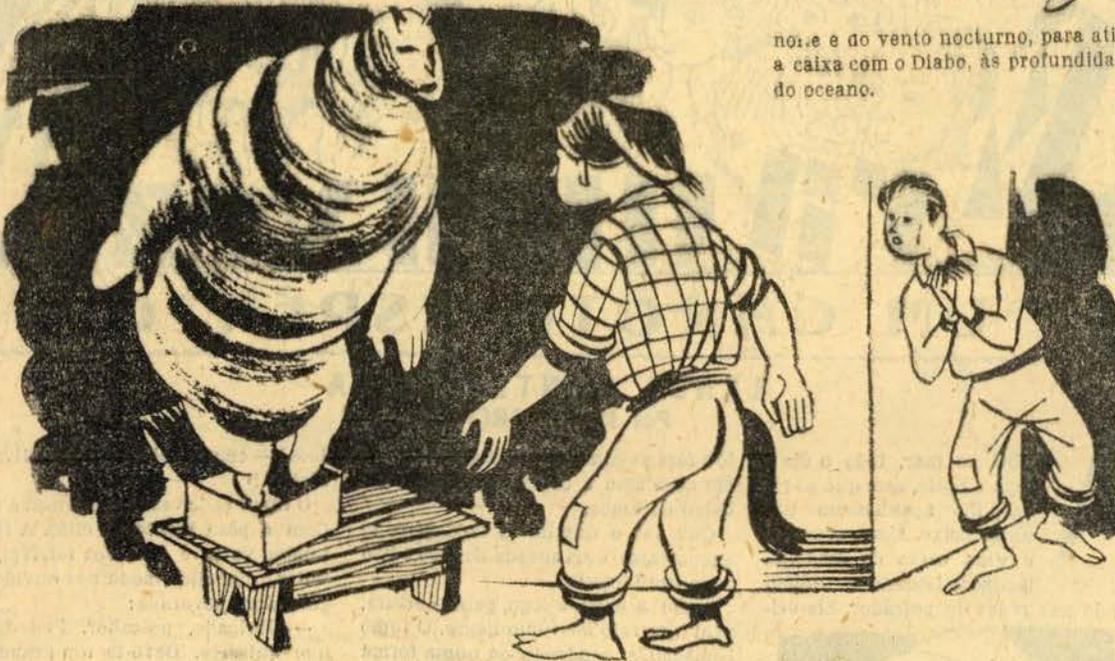
— «Vês? Vês?» — (dizia ôle. Estive assim durante séculos, fechado nesta caixa, no fundo do mar...)

— «Bem vejo.» — (dizia o garoto, mas não me convenceo de que caiba tudo lá dentro...)

O diabo, rabioso como quem era, desfez-se rapidamente no fumo negro. Entrou inteiramente na caixa. Nem um farrapinho de fumo pairava no ar. Então, o filho do pescador pôs a tampa na caixa, fechou-a com o cadeado, e foi a correr, a correr, sem medo da



noite e do vento nocturno, para atirar a caixa com o Diabo, às profundidades do oceano.



## LEGENDAS A PRÉMIO

Abaixo reproduzimos as legendas premiadas, relativas à última fábula muda, publicada neste suplemento.

Existe, lá na floresta, um airoso passarite que a alguns crocodilos presta o serviço do palito.

O terrível animal, quando o vê passar pertinho, abre a boca colossal e fica muito quiéttinho.

Numa dada ocasião, um tigre presenciou esta cena e, desde então, a tal ave ambicionou.

Logo se pôs a pensar o que devia fazer. A maneira de enganar a ave, para a comer.

Então, vendo-a num tronquinho, foi-se sempre aproximando; abriu a boca e, quiéttinho, ficou para ela olhando.

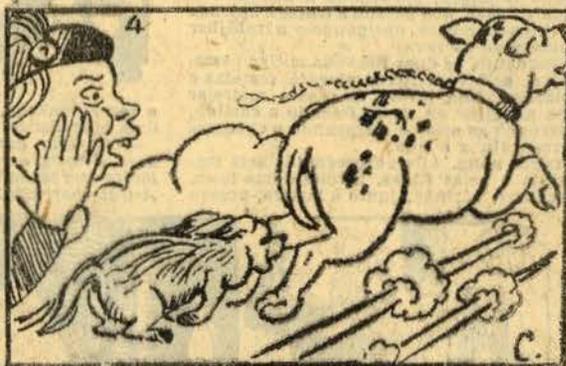
O pássaro, vendo aquilo, num vôo rápido e airoso, foi poisar, muito tranqüilo, na bocarra do manhoso.

Logo, mui rapidamente, o tigre a boca fechou. E assim foi que o imprudente passarinho ôle papou.

Há nesta fábuzinha, um ditado que não mente: — A prudência e a galinha não fazem mal a doente.

AUGUSTO RODRIGUES DE BARROS — 12 de Outubro de 1939.

# HISTÓRIA MUDA



Atendendo ao sucesso obtido com as anteriores histórias mudas, o «Pim-Pam-Pum» abre um novo concurso nas mesmas condições.

## PENSAMENTOS UM PROBLEMA

A caridade, para ser bem compreendida e bem praticada, precisa de consolar as misérias do corpo e as do espírito.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Estar sempre descontente consigo mesmo é uma fraqueza; estar sempre contente consigo mesmo é uma tolice

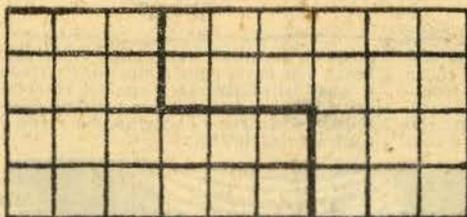
MADAME DE STAEL

O sofrimento nobilita a alma, purificando-a.

LAURA WAKE MARQUES

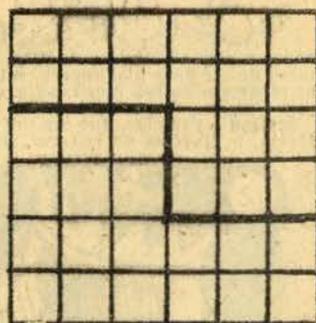
É fraqueza desistir da coisa começada.

CANÕES



1º

Solução do número anterior:



2º

Eis a maneira como agiu o mestre carpinteiro.

Não confundas o orgulho com a validade. O primeiro pode ser uma força; a segunda é sempre uma fraqueza...

Os novos dizem o que fazem; os velhos dizem o que fizeram; os tolos dizem o que não de fazer.

**BREVEMENTE:** AS GRANDES AVENTURAS  
do AERONAUTA MATIAS

# A Gata Borralheira

(Continuado do número anterior)

Durante algum tempo a nova vida conjugal do rico mercador correu normalmente, mas, em breve, uma fatalidade modificou por completo a boa harmonia caseira. A vida dissipadora que levava a ambiciosa esposa do pai de Lila, dando constantes festas de espavento e gastando à larga, conduziu à ruína o mercador que, passado um ano, faleceu de desgosto. Então, ao contrário do que Lila esperava, a viúva passou a ser para ela, em vez duma segunda mãe, uma terrível madrasta. Nem mesmo as suas amiguinhas de outrora, que se desfaziam em atenções para ela na esperança de conseguirem usufruir a fortuna do rico mercador, se haviam tornado quasi inimigas, aprovando a attitude rispida da mãe, que passou a tratar a enteada deshumanamente, obrigando-a a trabalhar como uma escrava.

Enquanto, as duas filhas da antiga perceptora, andavam luxuosamente vestidas e folgadas, Lila levava os dias a molhejar nos arranjos da casa, fazendo a comida, varrendo as salas e esfregando o chão, esfarrapadinha e suja.

Certa noite, Lila surpreendida pela madrasta e pelas filhas, a volta duma festa, a chorar, sózinha, junto à lareira, passou



a ser alcunhada, com mordaz ironia, de Gata borralheira.

— «A Gata borralheira que esfregue, hoje, à noite, a cozinha!... A Gata borralheira que tenha o jantar pronto às oito... A Gata borralheira que vá às compras...»

etc, eram as frases que se ouviam, constantemente, nas bocas imperiosas da má madrasta e das filhas desta.

Certo dia, o Rei daquele País, sentindo-se velho e já incapaz de governar o seu

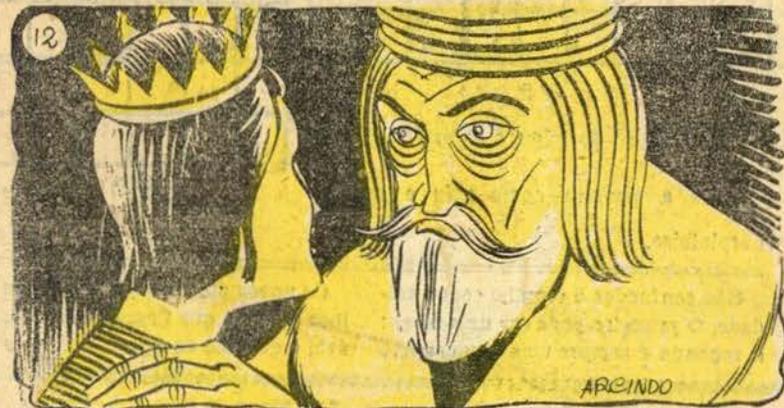


povo, rogou ao seu único filho que tratasse de escolher uma esposa, entre todas as raparigas do seu Reino, a fim de legar-lhe o trono.

Aceitou o Príncipe, que era um formoso jovem, a proposta de seu Pai, sob a con-

dição de escolher, livremente, entre a nobreza e o povo, aquela que mais virtudes e qualidades tivesse. Logo foi resolvido convidar para um grande baile na Corte, todas as raparigas do Reino, em idade de contrair matrimónio.

A Gata borralheira passou então a andar numa roda-viva, passando a ferro os luxuosos vestidos das duas privilegiadas filhas da madrasta, que, por motivo do luto, há muito não saíam das arcas, a penteá-las e a vesti-las, pois ambas se



dispunham a ir ao régio baile, na esperança de alcançarem o trono.

Allindando as filhas da madrasta, compondolhes as pregas dos luxuosos vestidos, atacando-lhes as livelhinhas de outro, a Gata borralheira suspirava de quando em quan-

do, hesitante num pedido a fazer, até que, por fim, exclamou, titubeante: — «Gostava tanto de ir, também, ao baile!»

— «Tu?... (exclamaram as duas irmãs em coro) — Tu, a Gata-borralheira?...» e desataram a rir, à gargalhada.

Ao vê-las partir na companhia da mãe, a pobre Gata-borralheira encaminhou-se para a cozinha e sentou-se num banquinho, a chorar, lamentando, sózinha, a sua triste sorte. — «Audosa da querida Mãezinha que tão cedo a deixara, levou, inconscien-

# CAÇADA IMPREVISTA

Por ROGÉRIO CLARO



Conheci certo Velozo, homem baixinho e vaidoso, que, para maior desgraça, tinha a mania da caça.



Nunca na vida tivera azo de ver uma fera... Mas na botica contava que muito e muito caçava.



Os seus amigos, por troca, armaram partida grossa... El-Jo à caça... De repente, vago rumor êle sente...



Arma à cara, fôgo feito... Salta o cão que, saltifeito, um coelho portentoso, em breve traz ao Velozo.



Este, ao vê-lo, quasi tomba de alegria: - Oh, é de arromba! Toma alento... Ali não fica... Volta de novo à botica.



Entre geral gargalhada, chega lá, mostra a caçada. Caçara - (caso falado!) - um coelho embalsamado.

Perante as moças que ouviu, logo o Velozo fugiu. «Vaidade demasiada será sempre castigada»



temente, sos lábios o talismã que trazia sempre pendurado ao pescoço, e logo, no mesmo instante, o aposento se encheu duma luz tão intensa que Lila, durante alguns segundos, se viu forçada a fechar os olhos, cansados de chorar! Ao reabri-los viu, com assombro, uma figura estranha de mulher, que parecia um anjo e que lhe disse: - «Sou a Fada, tua madrinha; disse a tua Mãe que te avisasse de que sempre que estivesse triste e precisasse do meu auxilio, bastaria beijares o talismã para que eu te aparecesse. Tu vais ser conduzida num riquíssimo cô-



che, puxado por uma bela parelha... A minha varinha de condão tudo pode! Põe esta cabaca e esta ratoeira, com os quatro ratinhos que estão dentro, à porta da tua casa.» Dito e feito. Um momento depois, a Fada, tocando com a ponta da sua varinha na cabaca, transformou-a num riquíssimo côche, todo de prata; bateu depois com ela em dois ratinhos, quando iam a fugir da ratoeira e tornou-os numa linda parelha de cavalos brancos; bateu, em seguida, nos outros dois e transformou-os em coelho e trintanário, muito bem fardados. Passado um minuto, deu com a

varinha num ombro de Lila e logo esta apareceu deslumbrantemente vestida. Então, dizendo-lhe: - «Podes partir!» a Fada desapareceu.

O grande salão do Paço, resplandecente de luzes e de galas, aguardava já a chegada das convidadas que foram, pouco a pouco, chegando.

Ante a absoluta indiferença do Príncipe, iam desilzando, como um imponente cor-

(Continua na página seguinte)

tejo. Desde as mais felizes às mais lindas raparigas do Reino, enquanto uma magnífica orquestra soltava os primeiros acordes duma dança de sala. O Príncipe, todavia, mantinha uma gélida atitude. Subitamente, porém, o seu rosto animou-se e instintivamente se ergueu, irradiando a sua imensa graça, entrou no salão a encantada e encantadora Gata Borrulheira, ante o pânico da madrastra e das filhas que a não re-



conheceram, tão diferente estava da pobre esfarrapada que haviam deixado em casa, a chorar, num canto da cozinha.

Após uma breve troca de palavras, e-lia a dançar com o Príncipe que, enlevado na sua estranha formosura, não tirava os olhos dela, enchendo de inveja as outras convidadas. Por mais que o Príncipe insistisse com ela para que lhe dissesse o seu nome, Lila esquivou-se sempre, sorrindo, e rogando-lhe que lhe permitisse conservar o seu anonimato. Entretanto, olhando o relógio e vendo que faltava apenas um quarto de hora para a meia-noite, hora a que deveria estar em casa conforme prometera à fada sua madrinha, Lila despediu-se com a promessa de voltar, oito dias depois, ao segundo baile que, em sua honra, o Príncipe ia dar. Escusado é dizer que o Príncipe ficou desde logo apaixonado.

Quando a madrastra e as filhas chegaram a casa, já a Gatinha Borrulheira estava a um canto da cozinha com o seu habitual vestidinho esfarrapado, fingindo que dormia. Chamaram-na para que se fosse despir. Humildemente, Lila se dispôs à ingrata tarefa, pois nunca perdiam o menor ensejo de a arrelhar, fazendo-lhe sentir a sua inferioridade.

«Não podes fazer ideia de quanto foi maravilhoso o baile! E que linda rapariga lá apareceu: chegou a apaixonar o Príncipe!» — diziam-lhe elas, com o premeditado fim de lhe causarem inveja.

«Mal sabem vocês!...», pensava Lila, sorrindo intimamente, mas triste, ao mesmo tempo, ao constatar a maldade da madrastra e das filhas.

Decorridos oito dias, de novo a fada surgiu. Novamente a pobre Gata Borrulheira se viu trajada luxuosissimamente e num côche, ainda mais imponente do que o primeiro, seguiu a caminho do baile, poucos minutos depois de haverem partido a má Madrastra e as filhas.

Ao vê-la chegar, o Príncipe correu para ela, deslumbrado por tanta beleza e novamente lhe implorou que lhe dissesse o seu verdadeiro nome. Em face das suas evasivas, e ao vê-la despedir-se, em virtude do compromisso que tomara de estar de regresso a casa antes da meia-noite, o Príncipe declarou, a toda a assistência, que daria um novo baile, após haver conseguido a promessa de Lila de não faltar a ele.

A este terceiro baile, Lila apareceu ainda mais deslumbrante do que nos anteriores.

O côche que da primeira vez era em bruto, da segunda em ouro, era agora em platina, todo cravejado de pedras preciosas, e puxado a duas parelhas. Contudo o que maior admiração causava, eram os sapatinhos que trazia, um estranho e bizarro par de sapatinhos de cristal.

Enlevada nas doces e apaixonadas frases que o Príncipe lhe dirigia, Lila ia-se esquecendo da recomendação que a Fada sua madrinha lhe fizera, pois, quando olhou para o relógio, notou que faltavam apenas três minutos para a meia-noite. Afalta, com medo de não chegar a tempo a casa, simulou uma súbita indisposição e pediu ao Príncipe que lhe fosse buscar um copinho com água. Logo o Príncipe correu a satisfazer o pedido da sua eleita e logo esta, aproveitando a sua curta ausência, fugiu, precipitadamente, para a porta da saída, em cuja imponente escadaria, trocando, lhe saltou dum pé um dos sapatinhos de cristal, no momento em que na torre dum sino badalava meia-noite. No mesmo instante, Lila presenciou que o seu riquíssimo côche desaparecera misteriosamente e viu-se vestida como estava, horas antes, ao canto da cozinha.



Completamente desorientada, pôs-se a correr em direcção a casa. Entretanto o Príncipe, com o côpo de água na mão, procurava por todas as salas, baldadamente a deusa dos seus sonhos. Descendo, num alvoroço, a escadaria, deparou apenas o sapatinho que Lila, na fuga, deixara cair do pé. Tão grande foi a comoção do Príncipe que este adoeceu gravemente.

O Rei, impressionado pela gravidade da doença de seu filho, ordenou, então, que um vistoso cortejo com três arautos a frente e três págens atrás, um dos quais levaria sobre uma almofada de veludo cor-de-rosa, o sapatinho de cristal, percorresse todas as ruas e praças do Reino, em busca da dona de um pé que se ajustasse à medida do minúsculo sapatinho, certo de que, ao ser encontrada, o Príncipe se curaria.

Pôs-se o cortejo a caminhar, lançando o seu pregão:

*Manda El-rei que loda a donzela, pobre ou rica, fidalga ou plebeia, experimente este sapato. Declara sua Magestade que aquela a quem ele servir, será levada ao palácio e deparará o Príncipe Lelo.»*

Já milhares de pés haviam tentado calçar o pequenino sapato, quando o cortejo parou a porta da Madrastra da pobre gatinha borrulheira. Já as ambiciosas companheiras de Lila, viam baldados os seus esforços para introduzirem seus pés no sapatinho, quando o pregoeiro indagou se não havia na casa mais nenhuma donzela a quem ele pudesse pertencer.

«Não, — responderam ambas ao mesmo tempo — Há apenas a Gata borrulheira. Dessa não é, com certeza.»

«Chamala-a; — disse o pregoeiro. Qual não foi, então, o espanto de todas, ao verem-na enfiar o sapatinho sem o mínimo esforço.»

«Ide-vos vestir decentemente e vindo connosco ao Palácio,» exclamou o pagem. Ao entrar no seu quarto, a Fada madi-

nha de novo lhe apareceu e lhe tocou com a varinha mágica. Logo o mesmo vestido com que fora ao baile lhe cingiu o corpo e o outro sapatinho surgiu.

Minutos depois, entrava no Paço, enchendo de alegria o Rei e, principalmente, o Príncipe, o qual, decorridos três dias, casava, finalmente, com Lila que escolheu para suas alas as filhas da madrastra.

Invejosas como eram, estas combinaram, então, matar a Princesa, no momento em que a estivessem vestindo, servindo-se dum alfinete envenenado que lhe espetaram no corpo, simulando um descuido. No momento, porém, em que se dispunham a executar tão criminoso intento, a Fada madrinha surgiu novamente e prevenindo a Princesa Lila, ao mesmo tempo que reaprendia severamente as alas, sentenciou, erguendo a sua varinha: —

«Vou castiga-las, transformando-as em estátuas de mármore mas de forma que, sob uma aparência inerte, não deixem de sentir e de ver tudo quanto se passa em seu redor. No dia em que estiverem sinceramente arrependidas dos seus erros, perdoar-lhes-ei!»

Imediatamente as duas raparigas foram transformadas em estátuas, ladeando a porta dos aposentos de Lila, e de Lelo, em frente da escadaria.

Certa noite, passados meses de muito sofrimento, de calada e funda amargura, no silêncio da noite, as duas estátuas notaram, com surpresa e assombro, que uma enorme serpente galgava, lentamente, a ampla escadaria que conduzia ao aposento onde dormiam os príncipes e cuja porta se encontrava entreaberta. Então as duas irmãs, prevenido o perigo que os Príncipes corriam, tiveram o mesmo pensamento: — deixarem-se cair sobre a serpente, embora



puzessem em riscos as próprias vidas, desfazendo-se em estilhas sobre a laje. E, acto contínuo, tombando sobre a cobra-monstra e esborrachando-a, se desfizeram em mil pedaços. No mesmo instante, ouvindo o estrondo ocasionado pela queda das estátuas, a Princesinha acorreu afilta e ficou surpreendida ao ver desencantadas as suas antigas alas e a sua Fada-madrinha reaparecer, dizendo-lhe:

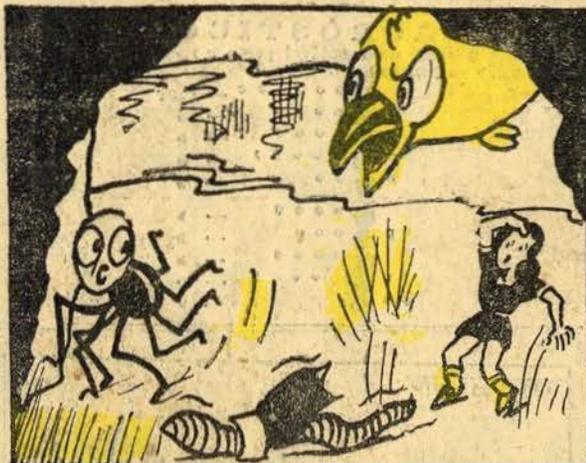
«Lila, as tuas alas estão, finalmente, redimidas dos seus antigos erros. Arriscando a vida por ti, provaram bem o seu arrependimento. Passarei a velar por todas vós. Sejam felizes e procedam sempre com virtude e bondade!» Dito isto, misteriosamente, a Fada desapareceu.

Sim

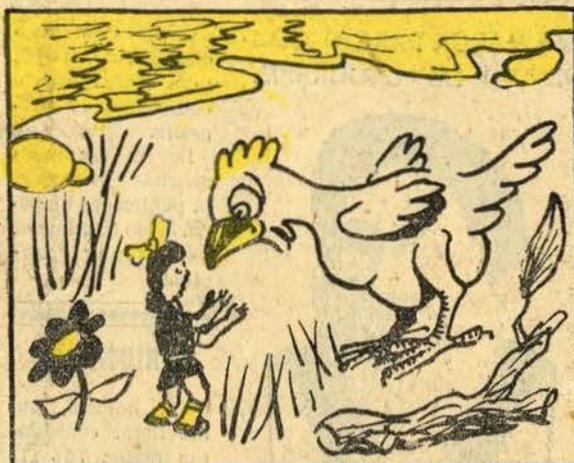


# AVENTURAS FANTÁSTICAS DA MILÚ

(Continuação do número anterior)



casamento ia celebrar-se quando, de repente, a cabeça dum monstro surgiu... Noivo e Minhoca fu-



giram a sete pés, deixando a Milú abandonada. Esta tratou, imediatamente, de falar ao coração da... ga-



linha (pois da galinha que os vira se tratava), e contou-lhe a sua vida. Com surpresa da Milú, esta verificou que a ga-



linha era de seus pais. Pediu-lhe, então, que a levasse no lombo para o sítio onde lhe aparecera o mostrengo que a



encantara. Ao chegadas, a Milú sentou-se, esperando ver surgir o bruxo.

Mas um gafanhoto brincalhão, meteu-se com a Milú, atirando-a por ares e ventos.



Onde cairá ela?

TAVARES PINHO

(Conclui no próximo número)